Ô de Casa!

CASA DA MULHER DO NORDESTE
Trabalho e Cidadania

Informativo Casa da Mulher do Nordeste | Abril 2017

As Mulheres nos seus quintais: resgate e práticas históricas

A CMN inicia uma experiência em agricultura urbana e agroecológica na comunidade de Passarinho

Pág.4 A **Cidade** também Planta: **Mulheres** de Passarinho **sistematizam** a experiência dos **Quintais produtivos**

Pág.8 Com a **Reforma da Previdência** as **mulheres** são as mais **prejudicadas**

Ô de Casa!

O **Boletim Ô de Casa** traz nesse número a força das diferentes formas de resistências das mulheres na cidade e no campo. Em um contexto tão adverso e temeroso que estamos vivendo, com fortes ameaças a perdas dos direitos das mulheres conquistados com tantas lutas, em especial as mulheres negras, moradoras das periferias das cidades e as agricultoras, na luta pelo reconhecimento e valorização do seu trabalho nos espaços rurais. As mulheres resistem nas experiências em seus quintais produtivos no sertão do Pajeú, convivendo com o semiárido e aprendendo umas com as outras, tecnologias de reuso de águas cinza, vivenciadas por algumas mulheres moradoras de diferentes municípios dessa região. Em seus quintais também são guardiãs de sementes crioulas e desenvolvem diferentes atividades responsáveis pela segurança alimentar e nutricional, assim como pela agroecologia. Mas a luta continua pois **Sem Feminismo não Há Agroecologia!** Essa tem sido a principal bandeira nas ruas, nos encontros, nas feiras e dentro das famílias. A campanha pela **Divisão Justa do trabalho doméstico**, construída por várias ONGs feministas e mistas, movimentos de mulheres rurais, em parceria com a UFRPE, vai às ruas para fortalecer essa luta do feminismo no campo e na cidade.

A resistência das mulheres na cidade fica expressa nos relatos e sistematização da experiência das moradoras de Passarinho, no Recife, nos seus quintais, sintetizadas nesse Boletim. Elas, coletivamente, vivenciam práticas educativas e coletivas que começam a mudar os seus modos de viver, de comer e de consumir, construindo uma agricultura urbana e agroecológica.

As mulheres vão às ruas no campo e na cidade resistir e afirmar Nenhuma a Menos! E pelo fim da violência contra as mulheres!

Essas resistências estão sustentadas na sororidade feminista que quer mudar o mundo para mudar a vida das mulheres.

Graciete Santos, Coordenadora Geral da CMN.

As mulheres nos seus Quintais Produtivos: resgate e práticas históricas

Era antigo o desejo da Casa da Mulher do Nordeste (CMN) de amplificar ações que impulsionassem a consciência por outras práticas para se viver de maneira mais integral com o meio ambiente em Passarinho. A segurança alimentar e nutricional das pessoas moradoras e, principalmente, resgatar a relação das mulheres com a agricultura. Em diálogo com as mulheres, percebemos que muitas já tinham a prática de plantar ervas e plantas ornamentais em vasos e nos quintais de suas casas, aprendidas com suas mães e avós, e desejavam ampliar esses conhecimentos. A partir daí fomos semeando essa ideia com outras parcerias até que, finalmente, construímos e aprovamos o projeto Mulheres e Agricultura Urbana: Segurança Alimentar e Consumo Consciente, com o apoio do Fundo Socioambiental Casa[1], visando fortalecer o quintal de 30 mulheres em Passarinho, desenvolver ações educativas sobre feminismo, consumo consciente, agroecologia e racismo. Numa metodologia dialógica com ênfase nos processos coletivos, realizamos oficinas, intercâmbios, intervenção nos quintais nas quais todas participaram e aprenderam juntas, numa dinâmica de "mutirão", com visitas de assessoria técnica em cada quintal. Esses conteúdos foram trazidos em todo o processo das intervenções práticas nos quintais das mulheres. A melhoria do solo, aproveitando as folhas e talos do próprio quintal, para servir de adubo e de cobertura para manter a umidade, a seleção do lixo e aproveitamento das cascas de frutas e verduras, para preparo da compostagem e do adubo orgânico. As oficinas de beneficiamento dos alimentos contribuíram para a reflexão sobre saúde, segurança alimentar e nutricional, assim como o debate sobre consumo consciente. Para entender melhor a realidade dessas mulheres, foi realizada uma Pesquisa Socioeconômica e Ambiental, desenvolvida por jovens da comunidade e estudantes da UFRPE, através da parceria com o Núcleo Feminismo e Ruralidades.

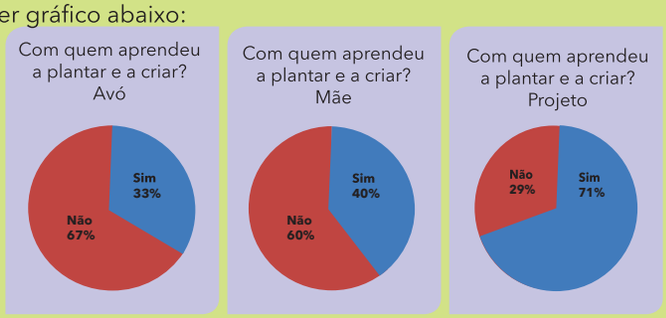
---

[1]O Fundo Socioambiental CASA é uma organização não governamental, que financia pequenos projetos, e fortalecimento de capacidades, para iniciativas socioambientais de ONGs e grupos comunitários na América do Sul.

O estudo revelou o quanto as desigualdades de gênero e raça impactam a vida das mulheres, e como as práticas e saberes históricos sobre a agricultura urbana são vestígios dos laços familiares da vida do campo. Outra importante revelação, é a divisão injusta do trabalho doméstico, acarretando sobrecarga para as mulheres e dificultando sua atuação política e econômica. A pesquisa, entrevistou 21 mulheres moradoras de Passarinho, representando 50% das participantes previstas no Projeto, sendo a maioria chefe de família, com idade entre 45 e 54 anos. **Quando perguntadas com quem aprenderam a plantar e criar, 20% das entrevistadas citaram suas avós e mães**, o que nos mostra como essas práticas sempre estiveram presentes com as mulheres, sobretudo nas gerações anteriores.

Outro destaque outro destaque da pesquisa é que 70% das entrevistadas revelaram que aprenderam a plantar a partir das atividades do Projeto. Isso só demonstra o impacto dessas ações e sua importância para desenvolver mudanças práticas em favor de uma cidade mais democrática, inclusiva e sustentável.

Ver gráfico abaixo:

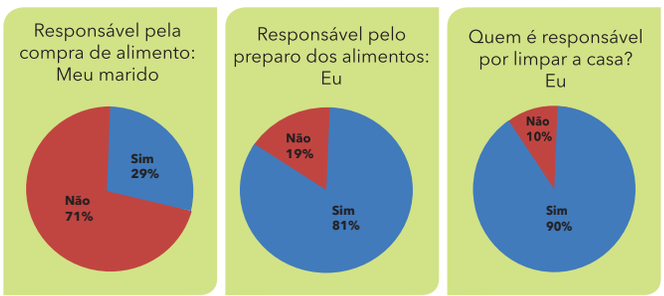


A análise também destaca que a produção colhida no quintal é destinada a alimentação e medicamentos para a família, o que resulta em uma vida mais saudável, e na redução dos gastos com alimentação e saúde. Mas que em sua maioria, a alimentação ainda é consumida através de produtos industrializados com grande teor de sal e açúcar. Há muitos alimentos industrializados na alimentação das mulheres, em vista disso, projetos como este são essenciais para trabalhar a importância do consumo saudável, bem como incentivar a produção de produtos, os quais são responsáveis por introduzir novos hábitos alimentares, e melhorar a vida dessas mulheres que acreditam não ter uma alimentação saudável.

O estudo aponta que o resultado das múltiplas jornadas de trabalho somadas ao cotidiano das mulheres de Passarinho, são da desigualdade na divisão sexual do trabalho.

As mulheres são as responsáveis pelo trabalho doméstico, ao redor da casa e também do cuidado com os filhos, além de realizarem o trabalho produtivo. **Apenas 29% dos homens ajudam na compra dos alimentos**, mas o ciclo da divisão se encerra nesta atividade. Isso aponta, portanto, o quanto ainda é preciso investir em ações educativas para mudar a divisão injusta do trabalho doméstico e as relações de poder na família.

Ver gráfico abaixo:



Em Passarinho, **29% das mulheres relatam a falta de saneamento básico e 10% a falta de água encanada.** A água sempre chega às casas da maioria, segundo relatos, porém ela não é diária, e seu armazenamento se divide, em grande parte, entre o botijão grande e a caixa d'água. Assim como os grandes centros urbanos, enfrentam problemáticas causadas pela crescente urbanização, que intensifica o descaso com o lixo, o desmatamento, a poluição e ao acesso a políticas públicas, em geral. Deste modo, as cidades tornam-se menos sustentáveis e com um poder de consumo desenfreado, o lixo é cada vez maior. O estudo revela que ações educativas para práticas agroecológicas, como as desenvolvidas pelo referido Projeto, indicam caminhos para transformar essa realidade. De acordo com as mulheres, o lixo orgânico produzido por elas tem como principal destino a coleta da Prefeitura (95%), enquanto pouco mais de 50% utiliza-se dos restos de comida nas plantas, utilizando-se da compostagem orgânica. Exemplos que podem ser multiplicados em outras comunidades da periferia do Recife, já que revelam uma realidade parecida a outros bairros, e aponta caminhos mais saudáveis, sustentáveis e com impactos concretos na qualidade de vida das pessoas.

A cidade também Planta: **Mulheres de Passarinho sistematizam a experiência dos Quintais produtivos**

Com a proposta de visibilizar e valorizar a vivência das mulheres em Passarinho nos seus quintais, a CMN realizou oficinas de sistematização dessa experiência com as mulheres participantes do *Projeto Mulheres e Agricultura Urbana: Consumo Consciente e Soberania Alimentar*, já apresentado nesse Boletim.

Foram momentos de relembrar como tudo aconteceu, refletir sobre o vivido, os aprendizados, os desafios e as dificuldades encontradas no processo da experiência. Também serviu para retomar os debates sobre os conteúdos trabalhados no processo do Projeto reforçando e ampliando os conhecimentos de forma coletiva. As moradoras de Passarinho perceberam que a solidariedade entre elas fizeram parte de todo o processo, assim como as ações de práticas agroecológicas compartilhadas em seus diferentes quintais mudaram suas vidas.

Foi possível observar que essa experiência trouxe muitos aprendizados e mudanças ambientais nos quintais das mulheres. Através dos desenhos dos seus quintais, antes e depois do Projeto, puderam observar as mudanças. Como relata Carminha:

"Antes era tudo bagunçado, tinha muitas pedras no quintal, com muitas folhas, sem muito cuidado. Logo depois, cresceram uns pés de acerola, coentro, alface, beterraba, cenoura, flores, tinha pneus com as plantas. E a farmácia viva, que tem mastruz, agrião, pé de capim santo! Quando chegou meu coentro, eu amei, colocava na minha carne, arroz, feijão. A minha vida mudou muito, porque comecei a mexer na terra com as plantas".

Carminha passou a criar uma horta medicinal em seu quintal.

Já Dona Vilma, passou a não varrer mais o quintal e, sim, a transformá-lo em produtivo.
"Meu quintal era só mato. Hoje, entendo que o mato é necessário para o meu quintal, e por isso não faço mais queimada. Planto onde tem espaço para plantar e com orientação. Com a chegada dessas mulheres, eu passei a plantar e cuidar melhor do meu quintal", disse. O que ela produz, além de ser usado nas refeições da própria casa, é compartilhado com as vizinhas e também usado como fonte de renda para a família.

Dona Vilma não perdia nenhum mutirão realizado nos quintais.

Um dos elementos destacados pelas mulheres na sistematização foi a metodologia participativa, em especial o processo de mutirões realizados nos quintais de cada mulher, onde todas aprendiam juntas e praticavam a solidariedade entre elas. Eram momentos de troca e de aprendizados, um verdadeiro laboratório vivo.

Elas destacaram o quanto aprenderam, a podar e cortar de maneira a não ferir as árvores, fazer adubo orgânico, a criar armadilhas para os insetos e pragas, a fazer inseticida natural, tudo baseado nas práticas e técnicas da agroecologia, sem agredir o meio ambiente. E para embelezar o quintal, aprenderam também a confeccionar materiais a partir do reciclado, com canteiros de pneus e para as hortas verticais, usando garrafas pet e de pallets. "Todo mundo colocou a mão na massa. Cada uma fazia uma coisa. Ela mostrava primeiro e dividia o grupo, uma cortava o pneu, pintava o pneu, outra pegava na enxada para limpar o mato, outra peneirava a terra, e outra plantava. Todas passaram por todas as etapas". O uso de materiais reciclados, trouxe também consciência ambiental para o grupo.
"Eu via muito pneu no lixo e agora eu sei para que presta. Tirei pneu do rio para aproveitar. Meu marido me chama de doida do lixo. Para quando começar o Projeto eu levo tudinho pra lá", disse Carminha.

As trocas de sementes tornaram-se práticas entre as mulheres

Outras práticas foram observadas pelas mulheres, como as trocas de mudas, de sementes e de plantas medicinais, quando revelaram os benefícios para a saúde e o cuidado com a vida. Um sentimento destacado por elas foi a troca de conhecimentos e solidariedade entre elas, assim como despertaram para a relação com a natureza e com suas vidas. "Pra mim abrir minha casa foi uma felicidade, por que conheci outras mulheres, que é diferente das mulheres da igreja, tem um aconchego, é como se fosse uma família.", disse Vilma.

DICAS DE LEITURA

Ater Mulheres. Autonomia e Luta: Experiências de metodologias feministas, 2017.

Esta publicação é resultado da sistematização das experiências de ATER de 13 organizações e movimentos sociais feministas e mistos de 04 estados da região Nordeste. Realizado pelo Projeto Organização Produtiva de Mulheres e Promoção da Autonomia por Meio do Estímulo a Prática Agroecológica, iniciado em 2013, coordenado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, em parceria com a então Diretoria de Políticas para Mulheres Rurais - DPMRQ do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), no governo da ex-presidenta Dilma Rousseff.

Cartilha No tempo das Mulheres - A experiência da Cartografia Feminista no contexto da Assistência Técnica Rural, 2017.

Publicação relata a experiência da Política de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater), na perspectiva da assistência técnica rural realizada por organizações não-governamentais e movimentos feministas que atendam as necessidades e interesses das mulheres rurais, resultando na produção de uma Cartografia que representasse a vida e memória, as histórias e práticas, dialogando com os diversos saberes, que vêm do campo do conhecimento tradicional e popular, que dialoga com os saberes técnicos, das universidades e de outros espaços, construindo, nessa perspectiva, conhecimentos sobre a Ater feminista e agroecológica. Também foi realizado pelo Projeto Organização Produtiva de Mulheres e Promoção da Autonomia por Meio do Estímulo a Prática Agroecológica, da UFRPE.

E no Sertão as mulheres estão experimentando **tecnologias de convivência com o semiárido**

Tecnologia de reuso da água é construído pelas mulheres.

Na construção de outras alternativas para a convivência com o semiárido, a Casa da Mulher do Nordeste tem experimentado, ao longo de seu trabalho, tecnologias que possam contribuir para melhorar as condições de trabalho e da vida das agricultoras no Sertão do Pajeú. Há 14 anos a CMN tem como prioridade desenvolver uma assessoria técnica feminista que fortaleça os quintais das mulheres, por entender que esses espaços são produtivos e proporcionam autonomia econômica e política para elas. São muitos os desafios a serem enfrentados, como a divisão injusta do trabalho doméstico e a invisibilidade do trabalho produtivo, ainda sendo consideradas como "ajudantes" no trabalho na agricultura familiar. Além dessas questões, ainda enfrentam os desafios da convivência com o semiárido, com períodos de longa estiagem de chuvas, que impactam diretamente no cotidiano de trabalho delas, ainda hoje, responsáveis pela gestão da água na família.

É a partir das vivências, dos saberes e das dificuldades das mulheres que vamos construindo conhecimentos com elas, experimentando, aprendendo e apoiando tecnologias que possam facilitar o trabalho e a vida. E como a água está escassa nesse momento, as mulheres estão construindo a tecnologia do reuso da água cinza - as águas vindas da pia de prato, do banheiro e do tanque, e que podem ser reaproveitadas através de técnicas que eliminam o sabão e serem utilizadas para o uso nos quintais, nas hortaliças, frutíferas e plantas nativas. É uma tecnologia barata, e que a CMN tem desenvolvido, junto às mulheres, através de oficinas de construção da tecnologia, onde elas aprendem juntas e replicam em outras casas. Só neste semestre, mais de 20 mulheres irão receber e construir essa tecnologia de Reuso de água em suas casas.

Durante o desenvolvimento da tecnologia no Sítio Bom Sucesso, na propriedade de Dona Bernadete. Maria das Neves, de 64 anos, da comunidade de Açude da Porta, de São José do Egito, contou que a tecnologia servirá para que ela purifique a água que já utiliza na produção em sua propriedade. **"Aprendi bastante, a técnica de aproveitamento da água da pia e da máquina de lavar roupa. Eu já usava mas sem o processo de purificação da água. A água ia para a produção com a gordura e a química, com risco de contaminação."**, contou.
Ela ficou animada com a tecnologia e pretende realizar mutirões para implementar nas propriedades do grupo de mulheres que faz parte. "Eu estou estudando um meio de fazer por baixo da terra, mesmo, chegar aonde estão as plantas. Eu não perco a água de jeito nenhum, a água de roupa e lavar roupa vai tudo para as plantas, e foi o que segurou a plantação de frutíferas neste período de seca", explicou. A tecnologia do reuso da água vem sendo implementada pela CMN, e já conta com 6 instalações. A tecnologia vem conquistando as mulheres com o benefício da água para a produção, ainda serão instaladas mais

Mobilizações do **movimento feminista protagoniza paralisações** em todo o Estado de Pernambuco

Com palavras de ordem, mulheres ocuparam ruas no Centro do Recife

Esse ano o movimento feminista radicalizou geral em sua chamada para o 8 de março, indo além do convite à tomada das ruas com protestos. Uma articulação internacional, iniciada em outubro de 2016 na Argentina e Polônia, espalhou pelo mundo a ideia de uma greve de mulheres. Fundamentadas na perspectiva de que a exploração do trabalho da mulher sustenta o mundo e na luta para barrar os avanços do conservadorismo na política, na economia, nas instituições, nas redes e nas ruas, feministas organizadas e mulheres militantes independentes promoveram paralisações de mulheres em mais de 57 países.

O movimento de mulheres no Brasil promoveu greves em mais de 80 cidades. Isso significa dizer que mais de 60% das mobilizações foram feitas em cidades periféricas e do interior. Em Pernambuco, não apenas o ato político que reuniu mais de 15 mil mulheres na capital recifense foi organizada em constante articulação e consonância com a paralisação proposta pela Parada Brasileira de Mulheres, mas as feministas estavam articuladas e organizadas também em vários municípios da Zona da Mata, Agreste e Sertão.

O racismo foi colocado como pauta central em praticamente todas as mobilizações, porque ele estrutura toda a desigualdade no Brasil e permanece exterminando a população negra e as mulheres negras em especial. As formas de violência contra as cartazes em Pernambuco e Brasil afora. A advogada Fátima Silva, coordenadora do Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE), denuncia a ausência de mecanismos e políticas públicas voltadas para proteção e acolhimento das mulheres do interior do Estado. **"As redes de proteção têm sido desmontadas e em diversos municípios não existe Delegacia Especializada da Mulher. Um processo de interiorização destes mecanismos é necessário e urgente".**

No PAJEÚ uma intensa agenda de mobilizações - Em Afogados da Ingazeira, cerca de 100 mulheres se reuniram em uma mesa de debate sobre os Impactos da PEC 287/2016 para a vida das mulheres e Violência contra a Mulher. Em seguida, realizaram um apitaço pela praça Monsenhor Alfredo de Arruda, centro da cidade. Já no município de Solidão a mulherada foi às ruas com faixas e bandeiras com recado de lutas. E também ocuparam a praça com uma tribuna para ouvir as mulheres. Tanto em Solidão como em Santa Cruz da Baixa Verde as mulheres reivindicaram por serviços de atendimento à mulher vítima de violência, e pautaram como a Reforma da Previdência prejudica a vida das agricultoras. A Casa da Mulher do Nordeste, integrante do Fórum de Mulheres do Pajeú e de Pernambuco, marcou presença em todos os atos.

Fórum de Mulheres do Pajeú ocuparam a Praça em Afogados da Ingazeira.

PAPO Consciente

Com a **Reforma da Previdência** as **mulheres** são as mais **prejudicadas**

Nos últimos meses foram diversas as mobilizações no Brasil contra a reforma da previdência pelo atual presidente Michel Temer, também conhecida como PEC 287. O movimento de mulheres foi às ruas contra a reforma no mês de março, junto aos demais movimentos. No entanto, a qualquer momento, ela pode ser aprovada pelo Congresso Nacional. Se isso acontecer, será uma das maiores perdas de direitos na história do país, principalmente contra as mulheres.

Na contramão do reconhecimento da sobrecarga de trabalho e responsabilidades historicamente das mulheres, a reforma da previdência propõe diminuir a diferença de idade de homens e mulheres, trabalhadores(as) rurais e urbanos para 65 anos, com 25 anos de contribuição. Dessa forma, as trabalhadoras rurais, por exemplo, que até agora se aposentaram com 55 anos, precisarão trabalhar, pelo menos, 10 anos a mais. Equiparar a idade de homens e mulheres para aposentadoria é desconsiderar a tripla jornada de trabalho das mulheres, que garantem a realização do trabalho doméstico e de cuidados, o trabalho ao redor da casa, além da reprodução da força de trabalho.

Maria Aparecida Santos, da comunidade de Ladeira Dantas, em São José do Egito, tem 48 anos, e, de acordo com a Lei vigente, faltam apenas 7 anos para se aposentar, mas se houver a reforma, esse número pode aumentar. “Se já estou sentindo que meu corpo não aguenta todo o trabalho da roça, imagine daqui a alguns anos. A agricultora tem uma vida muito difícil, a saúde não é tão boa, e precisamos ter uma segurança para nos mantermos vivos”, disse Aparecida, que trabalha na roça desde pequena. Para a jovem Laís Rocha, 22 anos, de São José do Egito, a reforma será uma perda enorme para o campo e para qualquer trabalhadora. “Minha avó, por exemplo, é aposentada, mas o dinheiro não dá nem para comprar todos os medicamentos que ela precisa. Imagine como vai ser com a gente na velhice”, ressaltou.

DIVULGUEM BOAS INICIATIVAS

PELA DIVISÃO JUSTA DO TRABALHO DOMÉSTICO

A realidade cotidiana das mulheres brasileiras é de muito trabalho dentro de casa, cuidando da casa, das pessoas, dos animais, na produção dos alimentos para a família. Elas são as responsáveis por esses trabalhos sozinhas, acarretando uma sobrecarga e injustiça com as mulheres. É preciso uma mudança de atitude, onde as responsabilidades e decisões familiares sejam compartilhadas igualmente, construindo uma realidade justa para todas as mulheres. Essa é a chamada da campanha realizada pelo Projeto ATER Feminista, coordenado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, em parceria com várias organizações feministas, mistas e movimentos de mulheres rurais do Nordeste.

Direitos São para Mulheres e Homens. Responsabilidades Também!

EXPEDIENTE

Este boletim é uma realização da Casa da Mulher do Nordeste.
Produção de Texto: Graciete Santos, Emanuela Castro (DRT-4060) e Coletiva de Comunicação do FMPE.
Edição de Texto: Emanuela Castro
Correção Ortográfica: Mariângela Borba
Fotografias: Emanuela Castro, Acervo do Fórum de Mulheres do Pajeú
Diagramação: Emanuela Castro
Gráfica: Provisual
Tiragem: 500

Realização: Casa da Mulher do Nordeste – Trabalho e Cidadania – www.casadamulherdonordeste.org.br
Parceira: Grupo Espaço Mulher – Passarinho
Apoio financeiro: Fundo Socioambiental Casa – Investindo em Cuidar; Fundo Socioambiental Caixa